

Que culpa tem o Parque do Iguaçu?

OPINIÃO

Marcos Sá
Correia*



Os avá-guaranis acabam de

prestar um inestimável serviço à conservação da natureza no Brasil. Eles invadiram esta semana o Parque Nacional do Iguaçu. Sob a batuta do cacique Simão Tupã Retã Villalva, puseram lá dentro nove famílias, abriram uma clareira entre as árvores, trouxeram seus bichos domésticos e avisaram que só sairão do acampamento quan-

do o País lhes der, no mar de soja que virou o oeste do Paraná, uma floresta onde possam exercer seu direito à caça, à pesca e outras prerrogativas ancestrais. É uma oportunidade imprecipitada para enfrentar a nova política indigenista que os carapáldas do governo vêm tratando há anos com borrifos de complacência, antes que ela acabe com os parques nacionais.

O caso de Iguaçu não poderia ser mais didático. Dispensa as remissões ao Descobrimento. Ele remonta à construção da Hidrelétrica de Itaipu, que afogou as Sete Quedas. Na área de alagamento da represa, havia na década de 80 cerca de 40 famílias avá-guaranis.

Assentadas na Reserva do Ocoí, em São Miguel do Iguaçu,

elas cresceram e se multiplicaram. Em meados dos anos 90, já estavam espremidas em seus 256 hectares. A Itaipu Binacional comprou então 1.780 hectares em Diamante do Oeste e levou para lá 35 famílias. O resto ficou em Ocoí, entregue à Funai.

Nas terras administradas pela empresa, brotou a Tekohá Añetete, uma reserva que na última safra colheu 120 toneladas de mandioca orgânica.

Lá vivem atualmente 50 famílias. Elas têm 157 reses. Fazem queijos artesanais. Plantam milho, feijão e arroz, sem agrotóxicos ou fertilizantes químicos. Produziram este ano uma tonelada e meia de mel.

Para não perder o gosto da carne de caça, passaram a criar em cativeiro cutias e capivaras.

E, assistidas por técnicos, embarcaram este ano na criação de peixes em redes armadas nas águas da represa.

A escola da aldeia tem prédio de alvenaria, eletricidade, água corrente e telefone. Os alunos

PARA O GOVERNO, É MAIS FÁCIL E MAIS BARATO DAR CESTAS BÁSICAS AOS ÍNDIOS

são alfabetizados em português e guarani. O currículo lhes ensina a história de seu povo. Seu grupo musical, que anima as festas do município, gravou o primeiro CD. As casas de 70 metros quadrados, feitas pela em-

presa, levaram em conta a arquitetura tradicional dos moradores. O piso na sala é de terra batida, para conviver com o fogo de chão que aquece as conversas. A estrutura, de troncos, pode ser desmontada e refeita em outro terreno, como manda o figurino do nomadismo. Cada unidade custa em média R\$ 22 mil. Vinte já estão prontas. Há mais 20 em construção.

Enquanto isso, na Ocoí, o que mais prosperou foi o aperto. Num espaço quase sete vezes menor, a população passou dos 520 índios - ou 115 famílias, engrossadas principalmente pelos guaranis que vêm do Paraguai, atravessando a fronteira para o lado onde mal ou bem os espera, sob as asas acolhedoras da Funai, uma carteira de identi-

dade, o serviço médico e até a aposentadoria pelo INSS.

Há dois anos, um da Itaipu com a Criança Debelou na r surto de subnutrição a empresa, que gastou mil por ano com a aos guaranis, está er casas como as da Tekohá. Mas os 80 alqueire nai ficou de arrend nhança, para acom imigrantes, até hojer E mais fácil e mais ba cer-lhes cestas básic eles se plantam no F cional do Iguaçu. ●

* Marcos Sá Correia é jornalista e editor do jornal O Dia (www.oe